

LER, (RE)COLHER, ARMAZENAR EXPERIÊNCIAS: COLHENDO SABERES DE CECÍLIA MEIRELES NA ESCOLA PÚBLICA

Antonilma Santos Almeida Castro¹
Edna Ribeiro Marques Amorim²

Resumo: De presença substantiva na vida, imperativo se faz questionar o que significa ler no cenário cotidiano, de ações e posturas tão efêmeras? Problematizando tal pergunta, foram realizadas vivências junto aos alunos de uma escola pública, para compreender a leitura como ato de colheita e armazenamento de conhecimentos. A “colheita” se realizou por oficinas, com a leitura de poemas de Cecília Meireles.

As inquietações, o jogar das sementes e a colheita

Este texto traz resultados de uma prática de leitura³ com o texto literário realizada com alunos de uma escola pública. A experiência ora apresentada se constituiu em uma oficina de leitura com textos de Cecília Meireles e teve como mote os questionamentos: o que significa ler no cenário cotidiano, de ações e posturas tão efêmeras? Que leituras literárias fazem os jovens da escola pública? Como se aproximam dos textos literários? A prática desenvolvida objetivou: promover espaço para o exercício da leitura, considerar o ato de ler como possibilidade de fortalecimento para a formação do sujeito do/no mundo; fomentar o exercício da leitura de textos literários, por meio de atividades diversificadas.

Os poemas retratando a efemeridade da vida e as ações humanas, contribuíram para fomentar as discussões e revisitar as memórias construídas, “não com a memória estática, não com a simples saudade, a simples nostalgia de coisas pregressas, mas como a memória símbolo no sentido de transgressão ao provisório, ao efêmero[...]”. (ARAÚJO, 2000, p. 56). Assim buscou-se construir o memorial de leitor, procurando compreender os afastamentos da leitura e, em especial, da leitura literária. O aluno foi instigado a ler, a pensar e a sentir o que leu, de modo a construir um saber que ativa a sua memória literária e social, dialogando com o seu presente. As sementes foram lançadas para os alunos do Centro Noturno de Educação do Estado da Bahia (CENEB), através de oficinas semanais, às quartas-feiras, totalizando a carga horária de quinze horas.

Os textos trabalhados foram: Retrato, Ai palavras, Os dias felizes, Fim do mundo, Ou isto ou aquilo, Alegria, Fadiga, Motivo, Música e Memória. A cada oficina, fazia-se a discussão e compreensão dos textos e eram desenvolvidas: jogral, ilustração, recorte e colagem, pinturas, audição de músicas relacionadas com a temática, entre outras atividades. O desejo tímido em fazer a leitura e a discussão dos textos se transformaram em participação ativa. O silêncio se transformou em barulho, conversa paralela, comentários simultâneos, risadas, choros, catarse. As experiências vivenciadas permitiram dialogar com os textos, ativando dados da memória pessoal e coletiva, construindo saberes.

No trabalho com poema Retrato, a turma foi surpreendida por uma voz forte e aveludada de um aluno que ficava sempre calado, pouco participava. A forma como leu o poema deixou

¹ Professora adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e membro permanente do Núcleo de Leitura Multimeios (UEFS).

² Professora assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), membro permanente do Núcleo de Leitura Multimeios (UEFS) e professora da Escola Básica, no Centro Noturno de Educação do Estado da Bahia CENEB. E-mail: eedmarques@gmail.com.

³ A prática se constituiu como uma das ações do Projeto Leituras Itinerantes, desenvolvido junto ao Núcleo de Leitura e Multimeios da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

a todos em silêncio! A turma ficou encantada! O aluno parecia não acreditar no potencial da sua voz e na forma como tinha encantado a todos. Naquele momento, foi descoberto, um talento até então desconhecido.

Após a leitura com o poema “Fadiga”, fez-se uma roda de conversa e cada aluno, espontaneamente, colocava o que entendeu. Ao final da discussão, pediu-se que apresentassem, em forma de desenhos ou de pequenos textos, o que provocava fadiga. Uma aluna que passava por um momento delicado, nada falou durante a roda de conversa sobre o poema, mas relatou no texto escrito: “Cuido dos meus pais doentes (SIC) dos meus irmãos pequenos, e da casa do meu pai. Estudo a (SIC) noite (SIC) faço o almoço do meu marido e cuido da minha casa. Mas sou grata a Deus porque sei que meus esforços e cansaços (SIC) não são em vão.”

Esse pequeno texto é, na verdade, a confissão de uma rotina de muito cansaço, por conta das várias tarefas que a vida impõe e que são circunstâncias reais dos alunos que estudam à noite. Talvez seja essa realidade que distancia o aluno da escola pública da leitura, em especial do texto literário. A leitura do poema permitiu que ela vivenciasse diretamente a construção dos sentidos, para ir, paulatinamente, fechando as lacunas textuais a partir das vivências de outras leituras e das experiências pessoais. Pode-se perceber que o texto da aluna carece de melhoras do ponto de vista linguístico, mas do ponto de vista do sentido, ele é revelador de um contexto de dificuldades. Essa confissão de “fadiga” se tornou uma forma de realizar a catarse defendida por Caldin (2001, p. 32) quando diz que a “[...] leitura proporciona a pacificação das emoções[...] a liberação da emoção resultante da tragédia a catarse”.

Isso se confirmou no caso dessa aluna, pois ao final das oficinas, ela comentou sobre a importância das leituras para alentá-la em um momento de muita incerteza. Ainda sobre o poema Fadiga, outra aluna escreveu: “Fadiga... Muito cansaço. Falta de amor. Esperar demais. Correr e não conseguir. Fingir que está tudo bem. Confiar... e se decepcionar. Porque (SIC) quem espera cansa e quem acredita alcança”. Este texto revela o impacto da leitura sobre a aluna, destaca-se que a intenção inicial era divertir e refletir. Mesmo em um texto construído de forma fragmentada, verifica-se que a aluna vai além do proposto e, em sua reflexão, faz uma projeção do conteúdo do poema sobre si mesma. Ela admite que confiou e se decepcionou. Mais adiante dissemina a crença de que a ação resolve muitos impasses, ao revisitar a sabedoria popular e reinterpretar o adágio: “quem acredita alcança”, fato que evidencia que “se a leitura é uma experiência, é porque, de um modo ou de outro, o texto age sobre o leitor.” (JOUVE, 2002, p. 123):

Ao trabalhar o poema “Os dias felizes”, depois das leituras variadas e das discussões, alguns alunos relataram, por escrito, suas experiências de dias felizes. Percebe-se a constatação de que dias felizes se fazem de pequenos momentos, evocando a memória da infância idealizada como melhor etapa da vida, como relatou uma das alunas “Meu melhor momento foi quando era criança (SIC) brincava muito (SIC) a inosencia (SIC) estava dentro de mim, um sentimento verdadeiro e sincero”.

Em contraposição, há quem afirme que a felicidade se encontra na vida adulta, quando se pode “viver a vida de verdade”, como se pode conferir o relato de aluno: “Não existe (SIC) dias tristes para mim, pois antes de me levantar ergo a cabeça e peço a Deus por mais um dia de vida (SIC) por isso sou feliz todos os dias. Resumindo... o dia mais feliz foi o dia em que descobrir (SIC) o que era viver a vida de verdade”.

Além disso, houve quem valorizasse a chegada de mais um integrante da família como um momento de contentamento, como a chegada de dias felizes. Como relata uma aluna “o dia mais feliz que tive até o momento foi o dia em que Recebi a Notícia (SIC) que ia ganhar uma irmã (SIC). Os relatos trazidos permitem verificar uma identificação com o que foi lido no texto literário, provando que essa ação de usufruir o texto literário por meio da fruição transcende o mundo real. (BARTHES, 1987)

Conforme as oficinas aconteciam, percebia-se um avanço dos alunos, no sentido de que se tornaram capazes de fazer inferências de contextos e situações da vida cotidiana, a partir do material lido, que antes, por timidez, não tinham coragem de empreender. É o que se pode observar, quando o aluno escreve: “O que é fadiga? Eu por outro lado, tenho que falar: Estou fadigado de ver nossos políticos roubar (SIC).

Considerações finais

As oficinas se mostraram também muito eficazes em implementar uma relação de cooperação interna entre os alunos e em despertar neles uma motivação para participar do que era proposto, mostrando-se sobremaneira interessados nas temáticas e nas produções sugeridas, ao longo do processo. Pode-se afirmar que a mudança de comportamento verificada, a leveza com que acolheram e se envolveram na efetivação das tarefas sinalizam o êxito da proposta de leitura aqui relatada.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.) *Leitura e literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 153-161

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Caderno de exercícios: algumas reflexões sobre o ato de ler*. Ilhéus: Letra Impressa, 2000.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 1997.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001 a. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufse.br/index.php/eb/article/view/36/5200>>. Acesso em: 13 Jan. 2018.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

NAVARRO, Pedro. Discurso, texto e leitura: espaço de (des) encontros do leitor. *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, SP, a. 30, p. 67-76. Junho de 2012.